

Notícias

Estudantes de saúde turcas têm de manter virgindade

O Ministério turco da Saúde adoptou um novo código disciplinar que impõe a virgindade às alunas das escolas médicas, sob a ameaça de expulsão, divulgava recentemente a imprensa turca. O novo regulamento proíbe as alunas das Escolas de Saúde que prestam ensino técnico às jovens entre 13 e 17 anos, de "manter relações sexuais e prostituir-se", segundo o jornal Harriyet. Em caso de suspeita, as alunas poderão ser submetidas a um "teste de virgindade" e se o "impudor" for constatado, serão expulsas, assinala o jornal, que critica esta decisão, alegando que "abre caminho para a arbitrariedade".

O jornal acusa o ministro da Saúde, Osman Durmus, membro do Partido de Acção Nacionalista, de querer tornar-se "guardião da virgindade". de acordo com o novo regulamento, as alunas expulsas por "atitude indecente" não terão direito de recorrer contra a decisão, que será adoptada por um conselho especial, precisa por sua vez o jornal Radikal.

Fonte: AFP

Palestinianos acusam exército israelita de estar envolvido na morte de 140 alunos

O ministério da educação palestino acusou recentemente o estado de Israel de participar na morte de 140 alunos desde o recomeço da Intifada, em 28 de Setembro do ano passado. De acordo com Abou al-Hommous, vice-ministro da educação, os incidentes ocorreram sempre em período de actividade escolar, precisando que 95 escolas tinham sido bombardeadas e 23 invadidas pelo exército israelita no decurso das aulas. No total, 2151 alunos ficaram feridos, tendo alguns ficado permanentemente incapacitados. Dos 1935 estabelecimentos de ensino básico e secundário situados nos territórios autónomos palestinianos, 275 situam-se precisamente nas zonas de confronto entre os dois exércitos.

Fonte: AFP

Economia de mercado ameaça a escola pública no mundo

"Os sistemas educacionais públicos estão ameaçados pelo impacto da globalização e da economia de mercado", afirmou o secretário-geral da Internacional da Educação no discurso de abertura do terceiro congresso mundial desta confederação, que decorreu no final de Julho na Tailândia. "Opômo-nos à ideia de as escolas serem abertas à economia de mercado, queremos que estejam abertas a todas as crianças", disse o holandês Fred Van Leeuwen diante de 1300 participantes de 305 organizações de professores, que representam um total de 24,5 milhões de membros em 155 países.

A Internacional da Educação (IE), uma confederação dos principais sindicatos de professores do mundo, esteve reunida na localidade de Jomtien, a 180 kms da capital Bangkok, para discutir as consequências da globalização na educação: a comercialização e privatização de sistemas educacionais, o impacto nos direitos e condições de emprego dos professores e os desafios das tecnologias de informação.

"A globalização não é uma loucura, mas faz aumentar as desigualdades no interior dos estados e entre os estados ricos e pobres, opinou Jean-Paul Roux, secretário-geral do UNSA, sindicato francês co-fundador da IE. O congresso convidou todos os membros da IE a lutar junto dos seus governos para que a educação e a saúde sejam excluídas do Acordo Geral sobre Comércio e Serviços da Organização Mundial do Comércio.

"A globalização deve ter uma dimensão social e o futuro das nossas crianças não está à venda", declarou na tribuna do congresso Bill Jordan, secretário-geral da Confederação de Sindicatos Livres (CISL), associada à IE.

Solidamente representada nos países em desenvolvimento, a IE discutiu também os meios para se alcançar a "educação para todos" até ao ano 2015, ou seja, a educação primária de todas as crianças do mundo e a alfabetização dos adultos. Existem no mundo 115 milhões de crianças dos 6 aos 12 anos sem escola e 882 milhões de analfabetos, dos quais 63,7% são mulheres, segundo a IE.

Fonte: AFP

Educação sexual chega às escolas iranianas

O ministério da educação iraniano vai introduzir nas escolas uma nova disciplina intitulada "Adolescência e puberdade", correspondendo na prática a um tímido ensaio no ensino da educação sexual dos estudantes daquele país, que representam cerca de um terço dos 60 milhões de habitantes. O anúncio foi feito por Rahim Ebadi, vice-ministro da educação, à margem de um encontro ministerial sobre este tema, abordado pela primeira vez naquela república islâmica desde que, em 1979, a revolução dos "Ayatholas" a excluiu do debate público. No Irão, a vida sexual é considerada um assunto tabu e está totalmente ausente da educação dos jovens. Desde há uma década, porém - altura em que os "reformistas" começaram a integrar as estruturas do poder - o tema tem merecido a atenção de psicólogos e de especialistas da educação, que preconizam a sua introdução no programa escolar.

Fonte: AFP

Americanos têm visões diferentes sobre o racismo

A maioria dos americanos brancos pensa, equivocadamente, que os negros vivem nas mesmas condições sócio-económicas do que eles, indica uma pesquisa publicada recentemente pelo jornal Washington Post. Segundo a pesquisa, realizada conjuntamente pela Fundação Henry J. Kaiser Family e a Universidade de Harvard, entre 40 e 60% dos brancos entrevistados consideram que o negro americano de classe média vive tão bem ou melhor do que o branco de classe média.

Segundo estatísticas oficiais, a diferença no nível de vida de brancos e negros reduziu-se substancialmente, mas as condições de vida destes últimos em relação ao trabalho, salário, educação e saúde são ainda muito inferiores.

"Estes resultados revelam que o sentimento generalizado entre a maioria da população branca é que pelo facto de estarmos em 2001 a segregação e discriminação não são mais temas actuais e não podem ter dimensões tão terríveis quanto os negros querem fazer acreditar", declarou àquele jornal Keith Reeves, especialista em ciências políticas, que trabalhou na pesquisa.

Indagados sobre a noção do lugar que ocupam as questões sobre racismo e raças nos Estados Unidos, 52% dos entrevistados brancos indicaram que ela é exagerada, seguidos por 31% dos hispânicos, 28% dos asiáticos e 17% dos negros.

Fonte: AFP